



IDeIAS

Informação sobre *Desenvolvimento, Instituições e Análise Social*

DESEMPENHO ELEITORAL DO MDM E SEUS DISSIDENTES NAS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS DE 2013 E 2018

Sérgio Chichava

Introdução

O Movimento Democrático de Moçambique (MDM), tem vindo a enfrentar sucessivas crises desde a sua criação por Daviz Simango e outros dissidentes da Renamo, na Beira em Setembro de 2008. Uma das primeiras e mais visíveis crises deu-se em 2011 quando Ismael Mussá, na altura secretário-geral, alegando gestão autoritária de Daviz Simango e a captura do partido pela sua família, demitiu-se do cargo.

Ainda em Nampula, a crise no MDM viria a agudizar-se quando em 2016, o então presidente do Município local, Mamudo Amurane, entrou em rota de colisão com Daviz Simango, a quem acusava de gestão ditatorial do partido e de tentativas de "linchagem política" por parte deste (Senda & Nhampossa 2016). No meio desta tensão, Amurane foi assassinado em circunstâncias ainda não esclarecidas a 4 de Outubro de 2017.

Alguns desertores do MDM juntaram-se a outros partidos, com destaque para a Renamo, como por exemplo, Venâncio Mondlane¹, Manuel Araújo², Geraldo Carvalho³ e Ricardo Tomás⁴ nas vésperas das eleições autárquicas de 2018; outros, particularmente os da província de Nampula, preferiram criar novos partidos políticos ou associações com vista a participar nas eleições. São exemplos, deste último caso, Mário Albino e Estêvão de Fátima, que também já tinham militado na Renamo. O primeiro abandonou o MDM em 2011 e apresentou-se nas eleições autárquicas de 2013 pela Associação para Educação Moral e Cívica na Exploração dos Recursos Naturais (ASSEMONA) e em 2018, pelo Partido Acção do Movimento Unido para Salvação Integral (AMUSI) e o segundo, abandonou o partido de Daviz Simango em 2014, criando um novo partido denominado Movimento Alternativo de Moçambique (MAMO) com o qual concorreu nas eleições autárquicas de 2018.

Este texto tem como objectivo, analisar o desempenho eleitoral das organizações políticas formadas por dissidentes do MDM, comparando os seus resultados com os do MDM nos dois últimos pleitos eleitorais. Para este propósito, toma-se o exemplo da ASSEMONA, AMUSI e MAMO nas eleições locais de 2013 e 2018.

A ASSEMONA e o MDM nas eleições de 2013

Como já referido, após a sua saída do MDM, Mário Albino anunciou a sua candidatura para as eleições locais de 2013 através da ASSEMONA.

quias da província de Nampula, com excepção da capital. A tabela 1 dá uma ideia do desempenho eleitoral da ASSEMONA nas eleições de 2013 em comparação com os resultados do MDM nos mesmos locais em que estiveram em competição.

Estas eleições que contavam com a ausência do maior partido da oposição, Renamo, que as boicotara alegando que a lei eleitoral e a composição da Comissão Nacional de Eleições (CNE) estavam sob o controlo total da Frelimo, viram o MDM, que concorria pela primeira vez a nível local, conquistar quatro dos 53 municípios em disputa: Beira, Nampula, Quelimane e Gurulé. Para além disso, o MDM conseguiu assentos em todas as assembleias

Tabela 1. Resultados eleitorais do MDM e ASSEMONA em Nampula (2013)

Municípios	Resultados					
	MDM			ASSEMONA		
	Presidenciais (%)	Municipais (%)	Mandatos	Presidenciais (%)	Municipais (%)	Mandatos
Cidade de Nampula	25.9	26.5	24	0.98	1.3	0
Angoche	5.9	5.1	1	24.4	24.2	7
Nacala Porto	8.5	11.2	4	-	1	0
Monapo	28.1	28.1	6	1.5	1.4	0
Ribaué	25.9	26.5	3	1.4	1.3	0

Fonte: Hanlon (2013)

Dos 53 municípios em disputa em 2013, a ASSEMONA concorreu em apenas cinco e todos eles da província de Nampula, nomeadamente, cidade de Nampula, Angoche, Nacala-Porto, Monapo e Ribaué⁵. Excluindo Angoche, onde a ASSEMONA foi a segunda mais votada, com 24.4% para o seu candidato à presidência do município e 24,2% para a Assembleia municipal (correspondentes a 7 mandatos), contra 5,9% e 5,1% (correspondentes a 1 mandato) para o MDM, noutros municípios, a sua participação foi um desastre, tendo sistematicamente sido ultrapassada pelo partido de Daviz Simango que foi o mais votado, depois da Frelimo, o partido que saiu vencedor em todas as autar-

municipais com a excepção do município de Nyamayabue, na província de Tete.

Entretanto, um pouco após as eleições de 2013, a ASSEMONA viria a entrar em crise com a saída em 2014, de Ossufo Rajá para a Renamo. É importante referir que Rajá fora o único que conseguira obter resultados significativos para a ASSEMONA em Angoche. Mais ainda: a ASSEMONA contribuiu com sete dos oito assentos obtidos por grupos de cidadãos concorrentes às eleições locais de 2013⁶. Logicamente, que a saída de Rajá, o único que obtivera resultados animadores, enfraqueceu a ASSEMONA⁷.

¹ Candidato do MDM nas eleições locais de 2013 e deputado pelo mesmo partido entre 2014 e 2018.

² Na altura, edil de Quelimane eleito em 2013 pelo MDM.

³ Na altura, responsável do Departamento de Mobilização e Propaganda do MDM e deputado na Assembleia da República pelo mesmo partido entre 2014 e 2019.

⁴ Na altura, deputado pelo MDM na Assembleia da República.

⁵ Havia sete municípios em Nampula em 2013.

⁶ O outro assento era detido pela Associação Artesanal Uiuipi-Pemba Cabo Delgado (AAUPEC), que obteve um mandato em Chiúre, por sinal, o único município em que concorreu.

⁷ Antes de se juntar a ASSEMONA, Ossufo Rajá já tinha sido membro da Frelimo.

AMUSI, MAMO, MDM e as eleições locais de 2018

A AMUSI e o MAMO foram criados em 2015 e 2016, respectivamente, e, como referido, os seus líderes queixavam-se de tribalismo, nepotismo e falta de transparência na gestão do MDM. Entretanto, a diferença entre estes dois partidos, reside no facto de a AMUSI, ter como origem, a ASSEMONA.

Com o assassinato do antigo edil da cidade de Nampula, Mamudo Amurane, que como mencionámos, ocorreu num momento de grande cispação entre este e a direcção do MDM, foram convocadas eleições intercalares para 24 Janeiro de 2018. Entre os dois partidos formados por dissidentes do MDM, apenas a AMUSI participou, tendo obtido 4.2% dos votos, atrás do MDM que obteve 10%. Esta eleição foi caracterizada pelo facto de nenhum dos candidatos ter obtido mais de 50% dos votos, o que obrigou a realização de uma segunda volta, entre os dois partidos mais votados (Frelimo e Renamo) que terminou com a vitória da Renamo e do seu candidato. A vitória da Renamo, acentuava ainda mais a crise no MDM, que perdia assim um dos quatro municípios que tinham sido ganhos em 2013.

A 10 de Outubro de 2018, foram realizadas as quintas eleições autárquicas no país. Diferentemente das anteriores, estas eleições ocorriam num contexto de algumas reformas eleitorais acordadas entre o governo e a Renamo, preconizando entre outros aspectos, que a eleição do presidente da autarquia, doravante designado Presidente do Conselho Autárquico (PCA), passava a ser feita através do sistema de "cabeça de lista", em que o cabeça da lista do partido, coligações de partidos políticos ou grupo de cidadãos da lista mais votada é directamente eleito PCA.

Fruto destes consensos, estas eleições contavam com a presença da Renamo, que, como referido, boicotara as anteriores. Dos partidos formados por dissidentes do MDM, participaram a AMUSI e o MAMO. A AMUSI concorria em todos os municípios da província de Nampula, enquanto o MAMO concorria apenas nos municípios de Quelimane e Mocuba, na província da Zambézia e na cidade de Nampula.

De uma forma geral, tanto para o MDM assim como para a AMUSI e o MAMO, os resultados eleitorais foram desastrosos. Por exemplo, dos 42 assentos que detinha em Nampula em 2013, o MDM passou para 10 e em todos estes municípios aparece como terceiro mais votado; A AMUSI, cuja origem é a ASSEMONA e o MAMO, não obtiveram nenhum mandato.

A participação da Renamo nestas eleições e a crise porque passava o MDM foram cruciais para os maus resultados obtidos por este partido que perdeu todos os municípios que conquistara em 2013, à excepção da Beira, a favor da Renamo (Nampula e Quelimane) e Gurué para a Frelimo. A tabela 2 mostra os resultados obtidos pela AMUSI e MAMO nas eleições de 2018, contrastando-os com os obtidos pelo MDM nos locais em que estavam em competição.

Tabela 2. Resultados eleitorais do MDM e dos partidos dos dissidentes em 2018

Municípios	RESULTADOS					
	MDM		AMUSI		MAMO	
	Votos (%)	Mandatos	Votos (%)	Mandatos	Votos (%)	Mandatos
Cidade de Nampula	6.23	3	1.11		0.61	0
Angoche	4.37	1	1.39	0	-	-
Nacala Porto	2.8	1	1.58	0	-	-
Monapo	3.09	1	2.16	0	-	-
Ribaué	8.18	1	2.50	0	-	-
Malema	8.24	1	1.32	0	-	-
Ilha de Moçambique	11.53	2	1.72	0	-	-
Quelimane	4.07	1	-	-	0.67	0
Mocuba	2.64	1	-	-	0.29	0

Fonte: CNE (2018)

Como interpretar as massivas deserções no MDM? Será apenas por causa do alegado tribalismo dos Ndaus contra os Macuas ou contra outras etnias no seio do MDM? Mais do que uma questão de exclusão com base na tribo, nepotismo ou arrogância dos Ndaus ou da família Simango, parece pretender-se reivindicar o acesso a recursos, ao poder político e consequentemente aos privilégios que daqui decorrem, num contexto em que a eleição é vista como o único itinerário de "acumulação" para o sucesso e prestígio social. Note-se que uma parte importante dos desertores do MDM filiou-se à Renamo, um partido fortemente dominado por Ndaus. Estes indivíduos que não eram de Sofala, nem etnicamente próximos à Daviz Simango, juntaram-se à Renamo, que era o partido que mais chances lhe dava de ascenderem a postos de prestígio em relação ao MDM. Outro exemplo que mostra os limites da concentração das razões da crise do MDM no tribalismo é a deserção de membros da ASSEMONA como Ossufo Rajá, um macua, para a Renamo, que podemos suspeitar dever-se ao facto de este ser o partido com mais chances de permitir-lhe ser eleito presidente do município, como acabou por verificar-se nas eleições de 2018.

Se o tribalismo não é o principal motivo da deserção dos membros filiados em alguns dos pequenos partidos políticos moçambicanos, a verdade é que essa tem sido a impressão criada pelas acusações que os principais cargos no MDM são dominados por pessoas de Sofala e da família do Daviz Simango. Isto sugere que o MDM não se distingue dos partidos que surgiram por toda a África Subsariana, na sequência da introdução do multipartidarismo em finais dos anos 1980, essencialmente mais étnicos e clientelistas do que programáticos ou ideológicos (Elisher 2008).

Conclusão

Pelo que mostram as evidências disponíveis, algumas delas partilhadas neste texto, os partidos resultantes dos dissidentes do MDM, não conseguiram captar o eleitorado do partido do Daviz Simango, tendo até obtido piores resultados que este e correm sérios riscos de desaparecerem prematuramente. É preciso lembrar que se está num contexto em que o acesso ao poder político é para muitos a fonte primária para a sobrevivência. Estes partidos, à semelhança do que acontece com a maior parte da oposição moçambicana, debatem-se com escassez de recursos (financeiros, humanos e materiais) e não possuem nenhuma base social, mesmo nas zonas de origem dos seus dirigentes. A participação em apenas algumas autarquias e os fracos resultados obtidos em Nampula, corroboram esta tese.

Se estes novos partidos não conseguiram suplantar o MDM, não se pode pôr de parte que o impacto negativo das deserções deste partido tenha favorecido a Renamo, partido que mais tem atraído as figuras de proa que até aqui abandonaram o partido de Daviz Simango. Os resultados eleitorais de 2018 evidenciaram os riscos que o MDM corre se não mudar a forma como gere as relações internas entre os seus membros, num momento em que se aproxima mais um ciclo eleitoral em 2019. Paralelamente, se a principal motivação dos dissidentes do MDM é recuperar noutros partidos eventuais protagonismos e benefícios que poderão ter perdido, os resultados que obtiveram nos pleitos em que concorreram é o melhor teste às suas aspirações. Não menos importante, a ausência de democracia interna e as nomeações com base em afinidades familiares ou étnicas são motivos suficientes para descredibilizar o discurso do MDM contra a Frelimo e a Renamo, ao acusá-los de não serem inclusivos, ou de serem apenas partidos de e para "alguns moçambicanos".

Referências

- Hanlon, J., "Resultados finais das eleições autárquicas de 2013." (2013), Mozambique Political Process Bulletin, 54 (Part 2), Maputo (23 de Dezembro).
- Senda, R.; Nhampossa, A., (2016) "Daviz Simango é Ditador. Divórcio de Mahumudo Amurane e o MDM quase consumado", Savana, Maputo (2 de Junho).
- Comissão Nacional de Eleições (2018). Moçambique. Resultados das eleições autárquicas 2018.
- Elisher, S. (2008). "Do African Parties Contribute to Democracy? Some Findings from Kenya, Ghana and Nigeria", Africa Spectrum, Vol. 43, No. 2 (2008), pp. 175-201.